

Memes de pessoas idosas no contexto da pandemia de Covid-19: estereótipos e simulacros

Memes of elderly people in the context of the Covid-19 pandemic:
stereotypes and simulacra

Memes de personas mayores en el contexto de la pandemia de Covid-19:
estereotipos y simulacros

Anna Flora Brunelli

Universidade Estadual Paulista (UNESP/Brasil)

RESUMO

Neste trabalho, considerando a relevância de se refletir sobre representações de grupos minoritários, analisamos um conjunto de memes que retratam pessoas idosas no contexto da pandemia de Covid-19. Para tanto, adotamos o aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso e também algumas teses de Psicologia Social sobre a questão dos estereótipos. A análise revela que os memes se valem de um estereótipo negativo das pessoas idosas, isto é, o do “velho teimoso”, que pode ser considerado como simulacro do discurso dos próprios idosos em defesa de sua autonomia, evidenciando, desse modo, o vínculo que há entre alguns estereótipos e certas formações discursivas, no interior das quais emergem na qualidade de simulacros.

PALAVRAS-CHAVES: Memes; Idosos; Estereótipos; Simulacros; Formações discursivas.

ABSTRACT

In this paper, considering the relevance of reflecting on the representation of minority groups, we analyze a set of memes that portray elderly people in the context of the pandemic of Covid-19. For that, we adopted the theoretical-methodological apparatus of Discourse Analysis and some Social Psychology

* Sobre a autora ver página 89.



theses on the issue of stereotypes. The analysis reveals that some memes are based on a negative stereotype of the elderly, that is, that of the “stubborn old man”, which can be considered as an simulacrum of the discourse of the elderly themselves in defense of their autonomy. Thus, the analysis evidences the bond that exists between some stereotypes and certain discursive formations, in which they emerge as simulacra.

KEYWORDS: *Memes; Elderly; Stereotypes; Simulacro; Discursive formations.*

RESUMEN

En este artículo, considerando la relevancia de reflexionar sobre la representación de grupos minoritarios, analizamos un conjunto de memes que retratan a las personas mayores en el contexto de la pandemia de Covid-19. Para eso, adoptamos el aparato teórico-metodológico del Análisis del Discurso y algunas tesis de Psicología Social sobre el tema de los estereotipos. El análisis revela que algunos memes se basan en un estereotipo negativo de los ancianos, es decir, el del “viejo terco”, que puede considerarse como un simulacro del discurso de los propios ancianos en defensa de su autonomía. Por lo tanto, el análisis evidencia el vínculo que existe entre algunos estereotipos y ciertas formaciones discursivas, en las cuales emergen como simulacros.

PALABRAS-CLAVE: *Memes; Personas Mayores; Estereotipos; Simulacros; Formaciones discursivas.*

1 Introdução

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), idoso é todo indivíduo com 60 anos ou mais. Atualmente, o Brasil tem mais de 30 milhões de pessoas nessa faixa etária, número que representa mais de 14% da população do país, conforme aponta a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua) de 2017¹.

Neste trabalho, procuramos contribuir com as reflexões que tematizam estereótipos de pessoas idosas. Para tanto, analisamos um pequeno conjunto de memes² que retratam pessoas idosas no contexto da pandemia de Covid-19, o que fazemos com base no aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa (AD, doravante) e também com base em certas teses desenvolvidas no âmbito da Psicologia Social, principal área de estudos sobre os estereótipos.

Do nosso ponto de vista, os estereótipos são, de modo geral, um tema sempre muito pertinente para os estudos discursivos, especialmente porque,

¹ Cf. <http://mds.gov.br/assuntos/brasil-amigo-da-pessoa-idosa/estrategia-1>

² Nas práticas do cotidiano, de modo geral, os memes dizem respeito a tudo aquilo que os internautas se utilizam de modo abundante, tais como hiperlinks, vídeos, imagens, websites, hashtags, palavras, frases, textos multimodais etc. São, normalmente, textos de humor que têm grande circulação e difusão pela internet e pelas mídias, textos que se espalham muito rapidamente por intermédio de *e-mails*, *blogs*, redes sociais etc. Para uma discussão detalhada sobre o emprego do termo, sugerimos Komesu, Gambarato e Tenani (2018).

conforme afirmam Schaller *et al.* (2010), muitos dos efeitos socialmente relevantes dos estereótipos ocorrem simplesmente porque alguns estereótipos são muito difundidos. Assim, quanto mais um estereótipo circula, mais aumentam as chances de gerar efeitos na população, o que evidencia a relevância de se observar o quanto os discursos se valem de estereótipos, colaborando para sua difusão. No caso específico de estereótipos de minorias, essa relevância se acentua, uma vez que, como se sabe, as minorias são comumente estereotipadas de uma forma negativa, o que favorece a emergência de preconceitos e de práticas discriminatórias que acabam reforçando desigualdades sociais.

Esse é exatamente o caso dos estereótipos de pessoas idosas. De fato, não faltam estudos, inscritos em áreas diversas (por exemplo, estudos de Psicologia Social, de Gerontologia, de Enfermagem, de Economia Política), que apontam o quanto esse segmento da população é estereotipado de uma forma claramente negativa. Dentre esses trabalhos, podemos citar Félix (2009), Almeida e Lourenço (2009), Goldani, 2010, Magalhães *et al.* (2010), Vieira (2013), Torres, Camargo e Bousfield (2016). A esse respeito, observamos que Cuddy, Norton e Fiske (2005), entre outros, tomam o ageísmo, isto é o preconceito contra idosos, como um fenômeno pancultural. Alguns dos trabalhos citados chegam, inclusive, a discriminar os prejuízos que a circulação de estereótipos negativos de pessoas idosas pode desencadear na vida dessas pessoas. Nas palavras de Vieira e Lima (2015):

Os estereótipos têm fortes consequências sobre a vida das pessoas. Com efeito, a tradição de conceber minorias de forma estereotipada é motivo de implicações danosas àqueles grupos. **Nos serviços de saúde, a crença de que idosos estão em decadência ou de que possuem problemas típicos podem fazer com que pacientes tenham queixas negligenciadas ou recebam indicações de tratamentos inadequados [...].** (VIEIRA; LIMA, 2015, p. 950; grifo nosso).

Ainda a respeito dos impactos negativos dos estereótipos na vida dos idosos, esses mesmos autores ressaltam:

No caso dos idosos, cada vez mais representativos em nosso país, é possível conceber que a imagem de incompetência ou demasiada fragilidade **pode influenciar não apenas as representações daqueles sobre si e suas relações interpessoais, mas também a formação de políticas públicas direcionadas a eles.** Com efeito, o conceito clássico de Butler (1969) aponta os estereótipos como componentes fundamentais na constituição do idadismo, o preconceito etário. **Entre as consequências deste fenômeno, estão as de nível institucional, que envolvem, entre outros fatores, a discriminação no campo profissional e na busca por emprego, a aposentadoria compulsória, vieses em políticas públicas etc;** assim como as de nível societal, observadas através de linguagem, de normas sociais e da segregação baseada na idade [...]. **Ainda no campo do preconceito, Palmore (1999) acredita que a**

imagem de um idoso dependente, carente ou demasiadamente frágil é o ponto de partida para a manifestação de cuidados pseudopositivos, tais quais a fala e o tratamento infantilizado ou o controle excessivo das atividades diárias daqueles indivíduos, o que pode implicar consequências indesejáveis como a limitação precoce de suas capacidades. (VIEIRA; LIMA, 2015, p. 955).

Diante do exposto, esperamos poder contribuir com o debate acadêmico sobre a representação de grupos minoritários, mais exatamente, sobre a representação das pessoas idosas, a fim de auxiliar no combate a preconceitos e a práticas discriminatórias que recaem sobre elas. Além disso, considerando a área de estudos a que nos filiamos (AD, conforme já dito), esperamos ainda trazer algum tipo de contribuição para as reflexões desenvolvidas no âmbito desses estudos a respeito da relação entre os discursos e os estereótipos, o que não deixa de ser uma forma de aprofundar o conhecimento que se tem do próprio funcionamento dos discursos. Para tanto, dialogamos com trabalhos que apresentam contribuições significativas sobre o tema, isto é, Possenti (2002) e Gatti (2014). Conforme será possível constatar mais adiante, a análise dos dados reforça teses sustentadas por esses trabalhos.

2 Uma breve apresentação sobre o conceito de estereótipo

Os estudos dos estereótipos passaram a despertar o interesse dos cientistas sociais a partir de Lippman (1922). O jornalista americano não chegou a definir exatamente o conceito, mas muitas de suas ideias influenciaram claramente a conceituação posterior e anteciparam várias das tendências dos estudos sobre o tema.

Segundo Lippmann (1922), os seres humanos não respondem diretamente à realidade exterior, mas a uma representação do ambiente que é feita pelo próprio homem, pois, como a realidade seria muito complexa para ser completamente representada, os estereótipos servem como formas de simplificar a percepção e a cognição.

Conforme nos esclarecem Aschmore e Del Boca (1981), Lippmann (1922) emprega o termo “estereótipo”, mais ou menos como um sinônimo de “esquema” (Psicologia Cognitiva) ou “esquema social” (Psicologia Social). Como afirmam os autores, embora essas expressões também recebam conceituações diferentes, há consenso quanto à existência de uma estrutura cognitiva que influencia as atividades de natureza perceptual-cognitiva que compõem conjuntamente o que é chamado de “processamento da informação” (percepção, codificação, estocagem, manutenção, tomada de decisão) no que diz respeito a um domínio específico. Desse modo, observam os autores, Lippmann (1922) considera os estereótipos como estruturas cognitivas que ajudam os indivíduos a processarem informação sobre o ambiente. Além disso, para ele, os estereótipos precedem o uso da razão: impõem um certo caráter ao dado antes que esse dado chegue à razão. Mais exatamente, segundo Lippmann (1922), na confusão do mundo exterior, selecionamos o que a nossa cultura já definiu para nós e vamos percebê-lo pela forma com que é tomado por essa

cultura. Isso significa que acabamos incorporando os hábitos do nosso grupo cultural e não desenvolvendo exatamente os estereótipos por meio de um processo de racionalização.

Os estereótipos são, nesses termos, imagens inevitavelmente ligadas ao modo como processamos a informação, imagens que nos permitem compreender o real, categorizá-lo e agir sobre ele. Por estarem ligados a processos de generalização e de simplificação do real, os estereótipos produzem uma visão esquemática e deformada que favorece a emergência de preconceitos.

Na vasta literatura da Psicologia Social, uma das formas de se compreender a formação dos estereótipos é a que leva em conta as dimensões da cognição humana. De fato, no âmbito desses estudos, há muitos autores que consideram que as duas dimensões universais da cognição humana não só regem o modo como as pessoas caracterizam os outros, como também definem o conteúdo dos estereótipos. O modo de definir as duas dimensões, embora sempre muito próximo, pode variar um pouco entre os autores; uma das nomenclaturas mais utilizada é a das dimensões *warm* (sociabilidade) e *competence* (competência).

Segundo Fiske, Cuddy e Glick (2007), a primeira dimensão captura traços relativos a um tipo de intenção percebida que inclui amizade, ajuda, sinceridade, confiança e moralidade; por sua vez, a segunda dimensão, a da *competence*, reflete traços relacionados a capacidade percebida, incluindo inteligência, aptidão, criatividade e eficiência.

No trabalho citado, os autores observam que, embora as duas dimensões sejam independentes, quando julgamos os grupos, elas se correlacionam normalmente de modo negativo: grupos que recebem um julgamento alto numa dimensão podem receber um julgamento baixo na outra. Essas avaliações combinadas suscitam as respostas que são dirigidas aos grupos, respostas estas que se traduzem tanto na forma de sentimentos (simpatia, antipatia, pena, desprezo) quanto na forma de comportamentos vinculados a esses sentimentos. No que diz respeito às respostas comportamentais, a primeira dimensão prediz comportamentos ativos: ajuda (facilitação ativa) ou ataque (dano ativo). Já a segunda dimensão prediz comportamentos passivos: associação (facilitação passiva) ou negligência (dano passivo).

Ainda de acordo com esses autores, o grupo dos idosos, que são estereotipados positivamente na dimensão *warm* e negativamente na dimensão *competence*³, têm baixo *status* social e despertam sentimentos como pena e simpatia, sentimentos que podem estar associados a dois tipos de comportamentos que lhes são normalmente dirigidos, a saber, ajuda (facilitação ativa) e negligência (dano passivo). Nesses termos, interná-los em instituições específicas é, certamente, dar-lhes assistência e cuidados, uma forma de ajudá-los, portanto. Por outro lado, conforme os autores não deixam de registrar, esse tipo de assistência é uma forma de mantê-los distantes e isolados socialmente, o que se configura como um caso de negligência passiva, isto é, uma forma (não intencional?) de não satisfazer a todas as suas necessidades⁴, sem lhes deixar de oferecer cuidados.

³ Cf. Cuddy, Norton e Fiske (2005); Fiske, Cuddy e Glick (2007).

⁴ Cf. Gil e Fernandes (2011).

Conforme vamos demonstrar na análise dos dados, esses resultados apontados por Fiske, Cuddy e Glick (2007), que, por sua vez, reforçam os de Cuddy, Norton e Fiske (2005), nos ajudam a compreender melhor certos aspectos dos memes que retratam pessoas idosas no contexto da Covid-19.

3 Estereótipos e Análise do Discurso: dos pré-construídos aos simulacros

Neste item, a fim de compreendermos um pouco melhor as conexões entre os estereótipos e os discursos, recuperamos os resultados de dois trabalhos desenvolvidos no âmbito dos estudos discursivos, isto é, Possenti (2002) e Gatti (2014). Esses trabalhos revelam que alguns estereótipos têm vínculos estreitos com certas formações discursivas em particular. Para a compreensão dessa tese, recuperamos inicialmente o conceito de pré-construído, um conceito de AD que, assim como o de estereótipo, também remete a uma construção anterior.

Na literatura da AD, o “pré-construído”, uma reformulação do conceito de pressuposto linguístico de Ducrot⁵, diz respeito a algum tipo de materialidade linguística que remete a uma construção anterior, exterior e independente, oposto ao que é construído pelo próprio enunciado. Ligado a operações linguísticas de encaixamento sintático (nominalizações, orações relativas, adjetivos deslocados etc.), o pré-construído leva a produção de um efeito de evidência, pois chega aos sujeitos do discurso como um já-dito do qual a fonte não se recupera mais (um outro discurso, anterior e independente). Nesses termos, o pré-construído fornece (na verdade, impõe) “a realidade e seu sentido sob a forma da universalidade (o mundo das coisas)” (PÊCHEUX, 1988, p. 164).

No referencial teórico-metodológico da AD, o pré-construído é uma noção operacional de destaque, já que corresponde a “reinscrição sempre dissimulada, no intradiscurso, dos elementos do interdiscurso” (MALDIDIÉ, 1990, *apud* COLLINOT; MAZIÈRE, 1994, p. 185). O interdiscurso é, nesses termos, o responsável pelo fio do discurso, por sua organização, o que permite tomar o intradiscurso como um efeito do interdiscurso.

Amossy e Pierrot (2001), na reflexão que desenvolvem sobre os estereótipos e os clichês, articulam o conceito de pré-construído ao de estereótipo. Nas palavras das autoras:

O estereótipo está assim duplamente relacionado com o pré-construído: no sentido de que designa um tipo de construção sintática que designa que coloca em funcionamento um pré-afirmado e, num sentido mais amplo, de que o pré-construído é a marca, no enunciado individual, de discursos e conceitos prévios cuja origem se apagou⁶ (AMOSSY; HERSCHBERG-PIERROT, 2001, p. 113; tradução nossa).

⁵ Cf. Charaudeau e Maingueneau (2004).

⁶ Texto original: *El estereotipo se relaciona a por partida doble con lo preconstruido: en el sentido de que designa un tipo de construcción sintáctica que pone en marcha lo preafirmado y, en un sentido más amplio, de que lo preconstruido se comprende como la huella, en el enunciado individual, de discursos y juicios previos cuyo origen se ha borrado.*

Considerando essa aproximação inicial feita por Amossy e Pierrot (2001) entre os conceitos de estereótipo e pré-construído, Gatti (2014) se propõe a discutir os pontos que aproximam e distanciam os dois conceitos, que toma como independentes, apesar de considerar que seu funcionamento realmente os aproxime em alguns casos. A hipótese do autor é a de que ambos são conceitos que circulam por regiões distintas do interdiscurso. Entre os pontos que aproximam os estereótipos aos pré-construídos, o autor cita as seguintes questões, que retomamos a seguir de modo sucinto:

- a) o fato de que ambos revelam que algo foi mobilizado antes e por outros, o que não só divide a materialidade linguística, como também evidencia a heterogeneidade constitutiva dos discursos;
- b) o fato de que ambos marcam (ou, no caso do estereótipo, podem marcar) uma relação estreita com a ideologia;
- c) o fato de que certos pré-construídos podem mobilizar estereótipos, o que, segundo o autor, tanto aproxima os conceitos quanto os separa em categorias distintas. Dessa forma, segundo Gatti (2014), numa materialidade discursiva na qual estão presentes pré-construídos bem típicos de um certo discurso, esses pré-construídos, ao lado de outros índices da enunciação, auxiliam a identificar a imagem de um enunciador estereotipado ou mesmo a categoria de enunciador (outro estereótipo) a que o texto se opõe.

Ao analisar os conceitos em questão, Gatti (2014) diferencia dois tipos de estereótipos: os mais livres, que estão mais próximos ao domínio da *doxa*, e os vinculados a uma formação discursiva específica. Os primeiros, associados a um tipo de memória que não é a de um único discurso, atravessam as fronteiras existentes entre os discursos. Para esses casos, o autor entende que, mesmo que estivessem vinculados a um certo discurso em sua gênese, essa ligação já estaria devidamente apagada.

Já os outros estereótipos, por sua vez, estariam ligados a uma formação discursiva específica, fenômeno que também se observa para o caso dos pré-construídos, conforme as reflexões de Possenti (2009). Assim, recuperando as restrições apresentadas por Possenti (2009) sobre o vínculo dos pré-construídos a certas formações discursivas, e não ao interdiscurso tomado em sua totalidade, conforme certas passagens de Pêcheux (1988) podem induzir a pensar, Gatti (2014) observa que, assim como os pré-construídos, certos estereótipos também parecem ser elementos ligados a uma formação discursiva particular.

Ao vincular estereótipos a formações discursivas, Gatti (2014) reforça os resultados de Possenti (2002), trabalho no qual esse vínculo já havia sido estabelecido com a tese de que alguns estereótipos podem ser tomados como simulacros de certos discursos, o que os remete, portanto, a uma formação discursiva em particular.

A noção de simulacro emerge das reflexões desenvolvidas por Maingueneau (2005) a respeito da heterogeneidade constitutiva dos discursos. Segundo o autor, os simulacros, que dizem respeito a enunciados que não são seriamente assumidos por nenhum discurso, são produtos da relação polêmica que um discurso mantém com seu outro constitutivo (*o Outro*). De modo

simplificado, podemos compreendê-los como uma espécie de leitura distorcida que uma formação discursiva faz de uma outra, com base em sua própria óptica, ou seja, com base na óptica da formação que faz a leitura e não da que é lida.

No trabalho citado, Possenti (2002) verifica que certos estereótipos emergem como simulacros, isto é, como “uma espécie de identidade pelo avesso - digamos, uma identidade que um grupo em princípio não assume, mas que lhe é atribuída de um outro lugar, eventualmente, pelo seu Outro” (POSSENTI, 2002, p. 156). O autor exemplifica esses casos analisando a representação de gaúchos e de loiras no discurso de humor nos seguintes termos: enquanto os gaúchos são, em outros discursos, representados como “machos”, representação aparentemente assumida pelo próprio grupo, no discurso de humor, são representados como “homossexuais”, ou seja, um simulacro do discurso que considera a “macheza/masculinidade” como traço próprio à identidade do gaúcho. Na produção desse simulacro, como observa Possenti (2002), não se trata apenas de dizer o oposto, mas de dizê-lo de uma forma claramente rebaixada, considerando um certo quadro cultural.

No caso das piadas de loiras, o estereótipo da mulher livre e independente, imagem promovida pelo discurso feminista, é convertido, pelo discurso machista, no simulacro da mulher sexualmente disponível, de acordo com o qual a presença/sucesso das mulheres nos trabalhos que já foram considerados como tipicamente masculinos (cargos administrativos elevados, por exemplo), não se deve por competência nem mérito profissional, mas estaria ligada à sua suposta disposição ao sexo. Ou seja, onde o discurso feminista afirma liberdade para as mulheres (liberdade econômica, profissional, de escolhas etc.) o discurso machista lê “libertinagem”.

Conforme vamos verificar no próximo item, nossa análise corrobora a tese de que certos estereótipos podem ser considerados como simulacros, ou seja, como uma representação distorcida, embora não exatamente como um caso de representação oposta, tal como nos casos inicialmente observados por Possenti (2002).

4 Análise de dados

Desde que a pandemia de Covid-19 chegou ao Brasil, um grande número de memes relativos ao tema passaram a circular pelas mais diversas redes sociais, como é de praxe para acontecimentos do tipo, que geram grande impacto na vida das pessoas. Entre os memes relativos à Covid-19, encontramos muitos ilustrando pessoas idosas no contexto da pandemia. Sem nenhuma pretensão de abordar a totalidade desses casos, analisamos a seguir alguns desses memes⁷, procurando evidenciar como se dá a construção de seu efeito de humor e o vínculo que apresentam com certas representações de pessoas de idade.

⁷ Os memes que analisamos aqui circularam amplamente no Brasil durante o primeiro semestre de 2020 em várias redes sociais, especialmente *WhatsApp* e *Facebook*. Como nenhum deles tem autoria assumida, o que é a regra para exemplares do gênero, no momento de analisá-los, não apresentamos informações precisas de suas fontes, dada a impossibilidade de obtermos qualquer informação sólida a esse respeito. De qualquer forma, observamos que, no momento da submissão deste artigo, os memes aqui analisados continuam acessíveis na internet, conforme podemos conferir facilmente consultando sites de busca, como o *Google*.

O primeiro que vamos analisar é o meme do “cata velho”, um meme que ganhou mais de uma versão na internet, duas das quais estão apresentadas nas figuras abaixo:

Figura 1. meme do “cata véio”



Fonte: Google Imagens.

Figura 2. Meme do “cata velho”



Fonte: Google imagens.

Conforme podemos notar, os memes em questão são muito próximos. Uma diferença entre eles diz respeito ao fato de o primeiro apresentar a cenografia⁸ de um cartaz que anuncia um serviço de interesse público, enquanto

⁸ Segundo Maingueneau (2001), a cenografia é a cena de enunciação instituída pelo próprio discurso, cena que se sobrepõe à rotina do gênero. A cenografia tem a particularidade de ser, ao mesmo tempo, a cena que o discurso pressupõe, como se partisse dela (portanto, a fonte do discurso), e a cena que o discurso valida progressivamente por intermédio de sua própria enunciação. No caso em questão, a cenografia de um anúncio de interesse público se constrói com base na combinação de diversos elementos do meme (por exemplo, a ,5

o segundo se atém à rotina do gênero meme. A leitura desses memes nos parece bastante simples, quase óbvia: o “cata velho” seria um utilitário (um ônibus, um caminhão, um camburão), capaz de transportar várias pessoas ao mesmo tempo, que foi instituído para circular pelas cidades a fim de recolher as pessoas de idade que estariam circulando na rua, contrariando as recomendações de permanecer em casa, o que lhes diminuiria o risco de contrair o corona vírus. Além disso, nessa leitura, essas pessoas de idade estariam fora de suas casas por serem teimosas, conforme dito explicitamente em alguns desses memes, como é o caso do meme apresentado na Figura 1, e não por outros motivos que justificassem a sua saída (por exemplo, necessidade de sair para comprar comida ou medicamentos, pagamento de contas, recebimentos de proventos etc.), motivos que não são cogitados, já que não há nada nesses memes que indique essa associação.

O efeito de humor desses memes advém da forma inusitada de retirar as pessoas idosas da rua, isto é, recolhendo e enclausurando-as num veículo, certamente contra sua vontade (daí o enclausuramento), o que rememora a prática da carrocinha, veículo utilizado pelos Centros de Controle de Zoonoses dos municípios para recolher animais domésticos das ruas, sobretudo cães e gatos. Via de regra, as carrocinhas são utilitários de médio porte equipados com celas para o enclausuramento dos animais apreendidos, tal como podemos observar nos veículos contidos na Figura 2, nos quais notamos a presença de grades e de, pelo menos, 3 grandes celas, destinadas, provavelmente, a enclausurar os idosos enquanto estiverem sendo retirados das ruas.

Diante do exposto, podemos dizer que as pessoas idosas são claramente rebaixadas nesses memes, que lhes conferem um tratamento semelhante ao destinado a animais. A expressão “cata velho” vai na mesma direção, uma vez que o verbo “catar”, empregado com o sentido de “recolher” é normalmente seguido de complementos inanimados (por exemplo, “catar coisas”). Também não podemos deixar de lembrar que o item lexical “velho”, como substantivo, quando empregado para se referir a pessoas idosas, tem normalmente uma conotação pejorativa.

Além disso, a forma inusitada e compulsória de retirar as pessoas idosas da rua em que se assenta o “cata velho” nos permite inferir que a teimosia dos idosos deve ser intensa, justificando, assim, a adoção de uma medida radical para retirá-los da rua. O tamanho dos utilitários, por sua vez, pode levar a inferência de que há um grande número de pessoas idosas nas ruas, daí a necessidade de veículos grandes o suficiente para acomodá-los. Do nosso ponto de vista, o fato de o utilitário ilustrado na Figura 1 estar com sua carroceria cheia de pessoas idosas pode corroborar essa hipótese.

A associação entre velhice e teimosia, necessária para a compreensão dos memes, conforme dito, é explícita em alguns casos (Figura 1), mas não em todos (Figura 2). Desse ponto de vista, versões menos explícitas desse meme (caso da Figura 2) exigem mais do seu leitor, pois cabe a ele recuperar essa associação para que se possa compreender o motivo pelo qual foi instituído o “cata velho/veio”. Na verdade, mesmo no caso da versão mais “informativa” do meme (Figura 1), há, certamente, outros conhecimentos exigidos do leitor para que possa ler adequadamente o meme; por exemplo, o leitor precisa lembrar que as recomendações feitas por toda a mídia para se fazer isolamento social, embora estejam voltadas para toda a população, dirigem-se de modo

mais enfático aos que pertencem ao grupo de risco para a Covid-19, que os idosos fazem parte desse grupo de risco, que a Covid-19 pode ser fatal etc.

A associação entre velhice e teimosia é novamente tematizada no próximo meme que se refere à reserva de vagas em estacionamentos para idosos. De acordo com esse meme, depois da Covid-19, as vagas reservadas para idosos em estacionamentos públicos, que até então eram identificadas pela palavra “idoso” ou mesmo por uma pictografia especificamente criada para esse fim, passariam a ser identificadas pela palavra “teimoso”:

Figura 3. Meme da reserva de vaga para idosos



Fonte: Google imagens

Como podemos observar, o meme associa a mudança na forma de identificação da reserva de vagas à pandemia de Covid-19, ou seja, nos diz que, durante e/ou após a pandemia, o adjetivo “teimoso” passou a ser a melhor forma de identificá-los, o que nos permite inferir que a teimosia das pessoas idosas, durante o período em questão, se tornou mais intensa. Nesse caso, o efeito de humor deve-se ao fato de a identificação dos idosos ser feita de uma forma inesperada, já que se trata de uma forma rude de se reportar a eles, lembrando que, como se trata de uma identificação feita abertamente, em público, espera-se que ela respeite as expectativas de civilidade, de polidez social.

O próximo meme também representa os idosos como pessoas teimosas; vejamos:

Figura 4. Meme da gaiola para idoso teimoso



Fonte: Google Imagens.

O meme da figura 04 apresenta-se por meio de uma cenografia de um anúncio de venda de produtos, o que podemos identificar pelo emprego da expressão “vendo + SN” ou melhor, pelo emprego do verbo “vender” conjugado na primeira pessoa do singular do presente do indicativo seguido de um SN, que é, como se sabe, um modo típico de se anunciar um produto. A informação relativa ao pagamento (“parcelo em 10 vezes”) também integra essa cenografia de anúncio de vendas. No caso, o produto anunciado é uma “gaiola para idoso teimoso”, ou seja, uma gaiola para prender idoso teimoso, conforme a imagem ilustra. Aqui, mais uma vez a associação entre velhice e teimosia é explícita. Para a leitura desse meme, o leitor deve inferir que, como os idosos são teimosos (informação explícita no meme), ou melhor, são muito teimosos, não haveria exatamente como convencê-los a acatarem as recomendações de permanecerem em suas casas fazendo isolamento social, por isso seria necessário (ou justificável) adotar alguma medida extrema, mais radical para mantê-los em casa, como, por exemplo, prendê-los numa gaiola. A radicalidade e a singularidade da solução proposta (prender uma pessoa numa gaiola), além de desencadearem o efeito de humor, do nosso ponto de vista, sugerem, assim como nos casos anteriores, que o meme imputa aos idosos um grau de teimosia bem alto, que é o que poderia justificar uma solução tão pouco ortodoxa.

Como podemos notar, em todos esses memes, os idosos são representados, de modo direto ou indireto, como pessoas teimosas. Na verdade, como dito, como pessoas bem teimosas. Esse modo estereotipado de

representá-los, do nosso ponto de vista, pode ser considerado como um simulacro de seu próprio discurso, conforme Possenti (2002) e Gatti (2014) já demonstram que é válido para outros estereótipos. No caso em questão, nossa hipótese também emerge das declarações feitas pelo Prof. Dr. Jorge Félix durante uma entrevista que concedeu à coluna Viver Bem do site do UOL em 26 de março de 2020. Félix, ao abordar essa forma estereotipada de representar os idosos afirma:

[...] o que as pessoas enxergam como teimosia é um processo absolutamente natural, de todo ser humano, de ele defender sua própria autonomia. E isso se exacerba quando se é idoso, porque a pessoa vê sua autonomia sendo cada vez mais restrita, e por uma série de razões: a diminuição ou perda da capacidade de locomoção, a impossibilidade de comer ou beber algo de que se goste, por causa de alguma doença... Crianças e adolescentes também lutam por autonomia, bem como adultos; é curioso que, quando esse comportamento vem da idade idosa, seja enxergado como teimosia⁹.

Conforme as declarações de Félix (2020), podemos dizer que o discurso pela defesa da autonomia (comum a vários grupos de pessoas, tais como idosos, crianças, adolescentes, estudantes etc.), quando parte especificamente de uma pessoa idosa é entendido pelos outros (a população adulta, provavelmente), como se fosse uma manifestação de teimosia¹⁰. Daí nossa hipótese de que o estereótipo do velho teimoso seja um simulacro do próprio discurso dos idosos. Não se trata, nesse caso, de uma representação exatamente oposta da representação que o próprio grupo faz e/ou promove de si, como nos casos inicialmente identificados por Possenti (2002), mas ainda assim entendemos que se trata de um estereótipo (o do velho idoso) que emerge num outro discurso como um simulacro do discurso daqueles que estão sendo representados (no caso, do discurso dos próprios idosos pela defesa de sua autonomia).

Considerando os idosos como pessoas irremediavelmente teimosas, alguns memes, conforme registramos, propõem soluções nada ortodoxas para lidar com essa questão no contexto da pandemia de Covid-19, a saber: o “cata velho”, para retirá-los das ruas e a “gaiola para idoso teimoso”, para evitar que saiam de casa. Do nosso ponto de vista, mesmo que não possam ser levados a sério, já que estão circunscritos ao discurso de humor, essas “soluções”, conforme já dito, são formas de rebaixar os idosos, “sugerindo” que a sociedade lhes dispense o mesmo tratamento dado a animais (recolhimento forçado, enjaulamento, engaiolamento).

Além disso, se abstrairmos por completo a questão do rebaixamento, podemos reconhecer, nesses casos, alternativas de tratamento que se aproximam de certas práticas que a sociedade dispensa há tempos aos idosos. Vejamos: por um lado, mesmo sendo alternativas jocosas e/ou absurdas, ambas

⁹ <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/03/26/especialista-adverte-sobre-preconceito-idoso-virou-palhaco-dos-memes.htm>. Acesso em 12 de abril de 2020.

¹⁰ Não é o caso de nos aprofundarmos na questão, mas nos parece que, no caso dos adolescentes, esse mesmo discurso pode ser lido como uma manifestação de rebeldia por parte dos adultos.

se destinam a proteger os idosos; desse modo, são formas de ajudá-los, de socorrê-los de algum modo. Por outro lado, não deixam de ser soluções que implicam a prática de isolá-los do resto da sociedade, que é o que se pode notar tanto na Figura 1, quanto nas Figuras 2 e 4, nas quais os idosos se encontram “sozinhos”, isto é, sem contato nem proximidade com membros de outros grupos sociais, a não ser com membros do próprio grupo (Figura 1). Tendo em mente esses dois aspectos, podemos dizer que se trata, *mutatis mutandis*, de uma resposta social próxima a que é oferecida aos idosos em asilos e casas de repouso, uma vez que, nessas instituições, os idosos encontram proteção e cuidados, mas também são isolados socialmente. Conforme já dito, trabalhos como os de Fiske, Cuddy e Glick (2007), consideram que essa é um tipo de resposta comumente dirigida a grupos de baixo *status* social que despertam sentimentos de pena e simpatia, tal como é o caso dos grupos dos idosos e o das pessoas com algum tipo de necessidade especial.

Considerando essa última observação, podemos dizer que a imagem da pessoa idosa socialmente excluída é uma cena validada¹¹ contida nesses memes.

5 Considerações finais

Neste trabalho, analisamos um pequeno conjunto de memes que retratam pessoas idosas no contexto da pandemia de Covid-19. A análise revela que os memes se valem de um estereótipo negativo das pessoas idosas, isto é, o do “velho teimoso”, que pode ser considerado como simulacro do discurso dos próprios idosos em defesa de sua autonomia. Esse resultado evidencia o vínculo que há entre alguns estereótipos e certos discursos, no interior dos quais emergem na qualidade de simulacros, conforme tese proposta inicialmente por Possenti (2002) e posteriormente reforçada por Gatti (2014).

Constatamos também que o discurso de humor deprecia a pessoa idosa, ao lhe conferir formas de tratamentos degradantes, e reproduz, à sua maneira, a imagem do idoso isolado, o que, do nosso ponto de vista, diz respeito a um valor cultural consolidado socialmente, isto é, a já instituída prática de isolar as pessoas idosas do resto da sociedade.

Diante do exposto, podemos dizer que o discurso de humor, pelo menos no que diz respeito aos casos analisados, se aproveita de certos conteúdos (estereótipos, cenas validadas) oriundos de outros domínios, conforme constata Possenti nas reflexões que promove sobre esse discurso. De fato, segundo Possenti (2018), o humor, que o autor considera como um campo discursivo, não inventa novos conteúdos, mas se vale do que já circula na sociedade, especialmente de conteúdos controversos e/ou bastante difundidos.

Embora o autor entenda que o humor não possa ser exatamente responsabilizado pela promoção desses conteúdos, uma vez que é desprovido de qualquer pretensão pragmática, Possenti (2018) não deixa de observar que a reprodução desses conteúdos pode desencadear certos efeitos. Nas palavras do autor:

¹¹ Segundo Maingueneau (2001), as cenas validadas são cenas já instaladas na memória coletiva, como modelos que se rejeitam ou que se valorizam. Trata-se de estereótipos autonomizados, descontextualizados, disponíveis para os mais diversos tipos de reinvestimentos.

Assim como as novelas, o humor (e a literatura) tem suas regras, seu universo, suas funções. Haverá certamente alguma relação com a realidade, mas construída segundo as regras do humor, análogas às da ficção. Nem retrata, pois não tem pretensões sociológicas, nem prega diretrizes, pois não tem função educativa ou moralizante. **Contudo, não deixa de ter algum papel, ao retratar à sua maneira os fatos e as pessoas (exagerando-os, caricaturando-os, ridicularizando-os)** (POSSENTI, 2018, p 37-8; grifos nossos).

Desse modo, esperamos ter evidenciado como os estudos discursivos podem trazer contribuições efetivas aos debates relativos às representações de grupos minoritários, revelando vínculos nem sempre evidentes entre estereótipos, discursos e práticas sociais, inclusive as discriminatórias.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, T.; LOURENÇO, M. L. Reflexões: conceitos, estereótipos e mitos acerca da velhice. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, v. 6, n. 2, p. 233-244, maio/ago., 2009. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/171> . Acesso em 15 de maio de 2020.
- AMOSSY, R.; HERSCHBERG-PIERROT, A. **Estereótipos y clichés**. Tradução de Lelia Gándara. Buenos Aires: Eudeba, 2001.
- ASHMORE, R. D.; DEL BOCA, F. K. Conceptual approaches to stereotypes and stereotyping. In: HAMILTON, D. L. (ed.). **Cognitive processes in stereotyping and intergroup behavior**. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1981. p.1-35.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. (orgs.). **Dicionário de Análise do Discurso**. Coordenação da tradução de Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.
- COLLINOT, A.; MAZIÈRE, F. A língua francesa: pré-construído e acontecimento linguístico. In: ORLANDI, E. P. (org.). **Gestos de leitura: da história no discurso**. Tradução de Bethania S. C. Mariani *et al.* Campinas: Editora da UNICAMP, 1994. p. 185-199.
- CUDDY, A. C.; NORTON, M.; FISKE, S. (2005). This old stereotype: The pervasiveness and persistence of the elderly stereotype. **Journal of Social Issues**, vol. 61, n. 2, p. 267-285, 2005. Disponível em: <https://spssi.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1540-4560.2005.00405.x> . Acesso em 15 de junho de 2020.
- FELIX, J. S. **Economia da longevidade: o envelhecimento da população brasileira e as políticas públicas para os idosos**. 2009. 107 f. Dissertação (Mestrado em Economia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

FISKE, S. T., CUDDY, A. J. C.; GLICK, P. Universal dimensions of social perception: warmth and competence. **Trends in Cognitive Science**, vol.11, n.2, p.77–83, 2007. Disponível em: <https://fidelum.com/wp-content/uploads/2013/10/Warmth-Competence-2007.pdf> . Acesso em 12 de junho de 2020.

GATTI, M. A. Estereótipo e pré-construído: é possível uma articulação? **Signótica**, v. 26, n. 2, p. 397-414, jul./dez., 2014. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/29824> . Acesso em 10 de junho de 2020.

GIL, A. P.; FERNANDES, A. A. No trilho da negligência...: configurações exploratórias de violência contra pessoas idosas. **Forum Sociológico**, n. 21, p. 111-120, 2011. Disponível em: <http://journals.openedition.org/sociologico/471> . Acesso em 10 de junho de 2020.

GOLDANI, A. M. Ageism in Brazil. What is it? Who does it? What to do with it? **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 27, n. 2, p. 385-405, jul./dez., 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-30982010000200009&script=sci_arttext&tlng=es . Acesso em 12 de junho de 2020.

KOMESU, F. C.; GAMBARATO, R. R.; TENANI, L. E. “I will not become an Internet meme”: visual-verbal textualization process in the study of the power and resistance in Brazil. **Acta Scientiarum: Language and Culture**, v. 40, n. 2, p. 2-11, july-dec., 2018. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/43714> . Acesso em 30 de julho de 2020.

LIPPMANN, W. **Public opinion**. New York: Harcourt, Brace, Jovanovitch, 1922.

MAGALHÃES, C. P.; FERNANDES, A.; ANTÃO, C.; ANES, E. Repercussão dos estereótipos sobre as pessoas idosas. **Revista Transdisciplinar de Gerontologia**, vol. III, n. 2, p. 7-16, 2010. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/2606> . Acesso em 10 de junho de 2020.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni P. Orlandi *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

POSSENTI, S. **Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito**. Curitiba: Criar Edições, 2002.

POSSENTI, S. **Cinco ensaios sobre humor e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2018.

SCHALLER, M.; CONWAY III, L. G.; PEAVY, K. M. Evolutionary processes. In: DOVIDIO, J. F.; HEWSTONE, M.; GLICK, P.; ESSES, V. M. (eds.). **The Sage handbook of prejudice, stereotyping, and discrimination**. Thousand Oaks CA: Sage, 2010. p.81-96.

TORRES, T. L.; CAMARGO, B.V.; BOUSFIELD, A.B.S. Estereótipos sociais do idoso para diferentes grupos etários. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 32, n. 1, p. 209-218, jan-mar, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722016000100209&script=sci_abstract&tlng=pt . Acesso em 10 de junho de 2020.

VIEIRA, R. S. S. **Estereótipos e preconceitos contra idosos**. 2013. 134 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Centro de Educação e Ciências Humanas. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013.

VIEIRA, R. S. S., LIMA, M. E. O. Estereótipos sobre os idosos: dissociação entre crenças pessoais e coletivas. **Temas em Psicologia**, vol. 23, n. 4, p. 947-958, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000400012. Acesso em 10 de junho de 2020.

Recebido em 11 de agosto de 2020.

Aceito em 10 de setembro de 2020.

Publicado em 30 novembro de 2020.

SOBRE A AUTORA

Anna Flora Brunelli é mestre e doutora em Linguística pela UNICAMP, universidade em que realizou um estágio de pós-doutorado. É professora do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), da UNESP, Campus de São José do Rio Preto (SP). Atua no Curso de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Tem experiência em Linguística, com ênfase na área de Análise do Discurso de linha francesa. É membro do Grupo de Pesquisas FEsTA (Fórmulas e Estereótipos: Teoria e Análise).

Email: anna.brunelli@unesp.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4981-3291>